

PRÁTICAS SOCIAIS IDEOLÓGICAS E HEGEMÔNICAS NAS RELAÇÕES POLÍTICO-RELIGIOSAS DO GOVERNO BOLSONARO

Júlio Araújo¹

Antonio Edson Alves da Silva²

RESUMO

Neste estudo, nosso objetivo foi analisar as relações político-religiosas que fundamentaram a posição e o discurso do ex-presidente Jair Bolsonaro, considerando a prática social e as categorias teóricas de ideologia e hegemonia. O arcabouço teórico que sustenta este objetivo é derivado da Análise de Discurso Crítica, especialmente das obras de Fairclough (1989; 1992; 1997), bem como das contribuições de Magalhães (2005; 2017) e Resende e Ramalho (2004; 2005). Utilizamos uma abordagem empírica qualitativa e, direcionados por essa perspectiva, construímos os dados a partir de fontes primárias e secundárias, posts em redes sociais e reportagens relacionadas ao governo. Nossas principais fontes incluíram entrevistas concedidas à imprensa pelo ex-presidente e seus aliados, conteúdo divulgado em redes sociais e cobertura midiática sobre a interseção entre política e religião. O *corpus* de análise foi selecionado com base em critérios de relevância, temporalidade e diversidade de fontes, buscando assegurar uma análise abrangente e representativa. Os resultados do estudo indicam a presença de influências de origem evangélico-neopentecostal e a adoção de estratégias autoritárias de poder nas articulações e atuação governamental do ex-presidente.

Palavras-chave: Estratégias de Poder. Ideologia. Hegemonia. Discurso.

¹ Professor Titular da Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7399-3769>. E-mail: araujo@ufc.br.

² Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), com Pós-doutorado em Linguística pela UFC. Professor Substituto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) e da Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC-CE). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8850-6716>. E-mail: edson.crat@gmail.com

IDEOLOGICAL AND HEGEMONIC SOCIAL PRACTICES IN THE POLITICAL-RELIGIOUS RELATIONS OF THE BOLSONARO GOVERNMENT

ABSTRACT:

In this study, our aim was to analyze the political-religious relationships that underpinned the position and discourse of former President Jair Bolsonaro, considering social practice and the theoretical categories of ideology and hegemony. The theoretical framework supporting this objective is drawn from Critical Discourse Analysis, particularly the works of Fairclough (1989; 1992; 1997), as well as the contributions of Magalhães (2005; 2017) and Resende and Ramalho (2004; 2005). We employed a qualitative empirical approach and, guided by this perspective, constructed data from primary and secondary sources, social media posts, and news reports related to the government. Our primary sources included interviews given to the press by the former president and his allies, content disseminated on social media, and media coverage concerning the intersection of politics and religion. The *corpus* of analysis was selected based on criteria of relevance, temporality, and diversity of sources, aiming to ensure a comprehensive and representative analysis. The study results indicate the presence of influences from evangelical-neopentecostal origins and the adoption of authoritarian power strategies in the former president's political maneuvers and governance.

Keywords: Power Strategies. Ideology. Hegemony. Discourse.

PRÁCTICAS SOCIALES IDEOLÓGICAS Y HEGEMÓNICAS EN LAS RELACIONES POLÍTICO-RELIGIOSAS DEL GOBIERNO BOLSONARO

RESUMEN:

En este estudio, nuestro objetivo fue analizar las relaciones político-religiosas que sustentaron la posición y discurso del expresidente Jair Bolsonaro, considerando la práctica social y las categorías teóricas de ideología y hegemonía. El marco teórico que respalda este objetivo se basa en el Análisis Crítico del Discurso, particularmente en los trabajos de Fairclough (1989; 1992; 1997), así como en las contribuciones de Magalhães (2005; 2017) y Resende y Ramalho (2004; 2005). Empleamos un enfoque empírico cualitativo y, guiados por esta perspectiva, construimos datos a partir de fuentes primarias y secundarias, publicaciones en redes sociales e informes de noticias relacionados con el gobierno. Nuestras fuentes primarias incluyeron entrevistas dadas a la prensa por el expresidente y sus aliados, contenido difundido en redes sociales y cobertura mediática sobre la intersección de política y religión. El *corpus* de análisis se seleccionó en base a criterios de relevancia, temporalidad y diversidad de fuentes, con el objetivo de garantizar un análisis exhaustivo y representativo. Los resultados del estudio indican la presencia de influencias de orígenes evangélico-neopentecostales y la adopción de estrategias autoritarias de poder en las maniobras políticas y gobierno del expresidente.

Palabras clave: Estrategias de Poder. Ideología. Hegemonía. Discurso.

I INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, é evidente o cenário em constante mutação da esfera política brasileira, caracterizado por um intenso fervor de disputas ideológicas, resultando na eleição presidencial de Jair Messias Bolsonaro em 2018. Na condição de uma figura proeminente da extrema direita, ele ascendeu impulsionado por seu compromisso na promoção dos valores associados à tradicional família brasileira, amplamente difundidos em suas plataformas digitais. Seus discursos, marcados por uma abordagem centralizadora e frequentemente contrários aos grupos minorizados, encontraram ressonância entre segmentos neopentecostais, setores ultraconservadores e a facção política de extrema direita do país. Esta amalgamação de apoio questionável consolidou a ascensão de Bolsonaro no panorama político nacional.

Os discursos variados e posicionamentos adotados pelo ex-presidente revelam escolhas axiológicas que, refletidas nos significados de suas declarações e pronunciamentos, legitimam atitudes e argumentos enraizados em um ethos de desresponsabilização e eugenia. Seus posicionamentos autoritários evidenciam a promoção de estratégias de poder hegemônico e ideologias que entram em conflito com os princípios fundamentais do Estado democrático, sobretudo no que diz respeito aos direitos à saúde (Mendes, Carnut, Melo, 2023) à vida (Castilho, Lemos, 2021) e à educação (Leher, 2023).

Os discursos e posturas do ex-presidente motivam a nossa investigação crítica, sob a perspectiva da Análise Crítica do Discurso (ACD), visando analisar as estratégias de poder e as relações político-religiosas que foram instauradas e articuladas durante a gestão do governo Bolsonaro (2019-2022), pois compreender tais padrões discursivos refletem e influenciam questões sociopolíticas e ideológicas relevantes.

Em termos estruturais, dividimos o artigo em cinco seções: esta introdução pela qual construímos o nosso objeto de estudo, seguida de uma seção teórica, a seção metodológica, outra analítica e uma de considerações finais. Na seção teórica, realizamos uma discussão em torno dos conceitos de texto, prática discursiva e prática social. Entendemos, nesse prisma, que a abordagem de Análise Discursiva Textualmente Orientada (Fairclough, 1989) permite uma compreensão mais profunda das relações complexas entre linguagem, poder e sociedade, e como essas relações são expressas e contestadas através do discurso. A seção metodológica apresenta a escolha do *corpus*, bem como aplicamos o modelo tridimensional, acerca da prática social no detalhamento das categorias ideologia e hegemonia. Na seção de análise, empenhamo-nos em debater sobre as relações político-religiosas à luz da ADC sob as categorias ideologia e hegemonia que fundamentaram a base discursiva do ex-presidente Jair Bolsonaro durante sua gestão (2018-2022). Para a conclusão deste artigo, destacamos os principais resultados da pesquisa, com o intuito de elucidar as reflexões que podemos inferir a partir das análises do *corpus* tendo em vista a construção da sua prática social.

2 PODER, IDEOLOGIA E HEGEMONIA NA ANÁLISE DE DISCURSO TEXTUALMENTE ORIENTADA

Inicialmente, importa mencionar o lugar epistemológico de onde partem nossos dizeres, que é da perspectiva dos estudos críticos do discurso, haja vista que compreendemos a Análise de Discurso Crítica (ADC) não apenas como um campo teórico, mas também como um genuíno arsenal teórico-metodológico-analítico que fornece subsídios para a produção de críticas sociais (Resende; Ramalho, 2005; Magalhães, 2017; Magalhães, Martins; Resende, 2017). Nessa mesma orientação epistemológica, Zavala (2019) auxilia a compreendermos que a ADC contribui decisivamente para que os atores sociais passem a investigar os significados construídos durante a ação e/ou atitude por meio da linguagem em contextos específicos e/ou situados.

Do ponto de vista operacional, uma alternativa muito produtiva de análise é o modelo tridimensional proposto por Fairclough (1992; 1997), que abarca três dimensões inter-relacionadas: texto, prática discursiva e prática social. Ao integrar essas três dimensões em sua análise, a abordagem de Análise Discursiva Textualmente Orientada possibilita uma compreensão das intrincadas relações entre linguagem, poder e sociedade (Fairclough, 1989). Essa perspectiva permite não apenas investigar como tais relações se manifestam e se confrontam no discurso, conforme proposto por Fairclough em obras posteriores (1992; 1997), mas também destacar a importância de conceitos fundamentais delineados por esse autor, tais como ideologia, hegemonia e poder, como veremos mais detalhadamente a seguir.

A Análise de Discurso Textualmente Orientada parte do pressuposto que as relações sociais são sistemas mutáveis, abertos e que vivem em constantes processos de transformação e modificação, tendo em vista atender as demandas da sociedade que se transformam por meio dos seus contextos históricos, econômicos, políticos e culturais. A esse respeito, Fairclough (1992) destaca a ontologia da vida social, haja vista que a ontologia estuda a natureza do ser, da existência e da realidade. Ela lida com questões fundamentais sobre o que existe, como essas entidades podem ser categorizadas e quais são as relações entre elas.

A esse respeito, Peixoto e Ferreira (2018) corroboram que Fairclough (1992), inspirado pelo Realismo Crítico, define a ontologia social com base nos conceitos de estrutura, conjuntura, prática e evento. A estrutura social diz respeito às condições históricas que estabelecem e sustentam a vida social, constituída por redes complexas e abrangentes de práticas. Em contrapartida, a conjuntura refere-se a uma configuração específica dessa rede de práticas que forma a estrutura, podendo variar em complexidade conforme o número e a abrangência das práticas interconectadas em um determinado momento histórico.

O conceito de prática social, fundamentado nas reflexões de Harvey (1996) e de Laclau e Mouffe (1987), aborda os modos habituais, vinculados a condições espaço-temporais específicas, em que os sujeitos utilizam recursos materiais ou simbólicos para agir coletivamente no mundo (Chouliaraki e Fairclough, 1999). Cada prática estabelece uma relação de internalização de elementos e de articulação de momentos. Os elementos representam diferenças não articuladas discursivamente e, ao serem

incorporadas na prática, transformam-se em momentos dessa prática, assumindo posições diferenciais articuladas em seu interior, das quais o discurso é uma parte integrante. O evento, por sua vez, constitui uma atualização de possibilidades estruturais, sendo um acontecimento específico situado social e historicamente, envolvendo sujeitos que interagem entre si e com o mundo em contextos determinados.

Na concepção de Fairclough (1989), a ideologia é concebida como um conjunto de ideias, valores e crenças que refletem e sustentam as relações de poder existentes na sociedade. Desse ponto de vista, a ideologia é expressa através do discurso, sendo disseminada e legitimada por meio da linguagem (Magalhães, 2005). Assim, a ADC busca analisar as ideologias presentes nos textos, averiguando como elas são construídas e instauradas através de escolhas linguísticas e estratégias discursivas.

Para Orlandi (2012, p. 6), “na constituição do discurso, o ideológico é inseparável do linguístico e do social, pois, o dizer e o acontecer são indissociáveis. Por isso, a análise do discurso é, também, análise do social”. Complementa a estudiosa brasileira, afirmando que “em diferentes momentos da história, as relações de poder se organizam e declinam diferentemente suas relações com as línguas e entre elas, nas e entre as sociedades e as culturas diferentes” (Orlandi, 2012, p. 7). Na mesma direção, Fiorin (2019) defende que a ideologia opera nos discursos para legitimar a dominação exercida pelo Estado e pelas classes sociais dominantes.

Já a hegemonia trata-se de um conceito reformulado e atualizado, advindo de reflexões desenvolvidas por Antonio Gramsci (1975, p. 461, tradução nossa¹), para quem “a hegemonia é política, mas também e principalmente, econômica, e tem sua base material na função decisiva que o grupo dominante exerce sobre o núcleo decisório da atividade econômica”. Nesse sentido, é razoável afirmar que a hegemonia está relacionada à dominação cultural exercida pelas classes dominantes sobre as classes subalternas, através do consentimento e da coerção.

Nessa mesma linha de argumentação, Fairclough (2010) sustenta que a hegemonia é caracterizada por um processo no qual as ideologias predominantes são internalizadas pela sociedade, transformando-se em senso comum e influenciando as percepções, os valores e os comportamentos individuais. Dentro de uma perspectiva dialógica, Volóchinov (2017 [1929]) interpreta que tais fatores ideológicos são as superestruturas sociais, engajadas em um diálogo constante com a infraestrutura subjacente aos discursos sociais.

Como é possível constatar, Gramsci, Fairclough e Volóchinov fornecem perspectivas fundamentais para compreender a interseção entre poder, discurso e ideologia. Gramsci destacou a importância da hegemonia, enquanto Fairclough enfatizou como as ideologias dominantes são internalizadas na sociedade. Por sua vez, Volóchinov explorou a relação dialética entre ideologia e discurso. Ao analisarmos as relações político-religiosas presentes na base posicional e discursiva do ex-presidente Jair Bolsonaro, é possível considerar como estratégias de poder e o monopólio ideológico como local de verdade podem ter sido articulados. Assim, através desses autores, percebemos que discursos políticos podem

¹ Tradução livre para: “La egemonia è politica, ma anche e soprattutto economica, e ha le sue radici materiali nella funzione decisiva che il gruppo dominante esercita sul nucleo decisionale dell’attività economica” (Gramsci, 1975, p. 461).

ser influenciados por ideologias hegemônicas internalizadas, contribuindo para a construção de legitimidade e autoridade no campo político, como possivelmente visto na trajetória de Jair Bolsonaro.

Como será delineado posteriormente, a investigação das produções discursivas à luz dessas considerações, segundo a perspectiva da ADC, permite uma compreensão mais aprofundada do papel central desempenhado na reprodução da hegemonia no discurso do ex-presidente. É através da linguagem que as ideologias predominantes são difundidas, internalizadas e validadas. Assim, como bem evidenciam Magalhães, Martins e Resende (2017), a ADC, conforme proposto por Fairclough, surge como uma ferramenta significativa para examinar como o discurso contribui para a edificação e perpetuação da hegemonia, investigando como ele representa e legitima as dinâmicas de poder vigentes na sociedade.

Fairclough (1989; 1992; 2010) emprega os conceitos de ideologia e hegemonia para investigar como o discurso é empregado na perpetuação das relações de poder na sociedade, evidenciando a maneira pela qual as ideologias dominantes são articuladas, difundidas e legitimadas através da linguagem. Desse modo, por meio da ADC, somos guiados a uma compreensão mais aprofundada das complexas dinâmicas sociais e políticas embutidas nos textos e discursos. Em sua obra *“Language and Power”* (1989), Fairclough aborda a manifestação do poder por meio da linguagem em diversos contextos sociais. De acordo com ele,

O poder, quer seja ‘no’ ou ‘por trás’ do discurso, jamais é definitivamente detido por uma única pessoa ou grupo social, pois o poder só pode ser conquistado e exercido dentro e através de lutas sociais nas quais também pode ser perdido (Fairclough, 1989, p.43, tradução nossa²).

Fairclough sugere que o poder, independentemente de se manifestar diretamente no discurso ou atuar por trás dele, nunca é firmemente controlado por um indivíduo ou grupo social específico. Isso se deve ao fato de que o poder é conquistado e exercido apenas por meio de lutas sociais nas quais também pode ser perdido. O poder, portanto, é fluido e contingente, estando sujeito a mudanças e disputas dentro das diversas esferas sociais.

Na obra de Fairclough (1989, 2001), a intersecção entre linguagem e poder pode ser percebida sob duas lentes distintas: a capacidade do discurso de influenciar as dinâmicas sociais e a disparidade de poderes que permeia o discurso, evidenciando a influência das instituições e dos estilos discursivos plasmado nos gêneros. Assim, Fairclough (1989) aponta não apenas a presença do poder no discurso, mas também destaca a existência do poder por trás do discurso, exemplificado pela influência na escolha dos gêneros discursivos. Neste sentido, a seleção de um gênero específico em uma prática social pode estar sujeita à influência e ao suporte proporcionados pelas instituições.

Aqui é mapeado um esquema de como são articulados a linguagem, poder e ideologia para a formação dos discursos, que, por sua vez, consistem em formas de ação social que refletem e reproduzem relações de poder assimétricas. A categoria do poder, portanto, é fundamental para entendermos a prática dis-

2 Tradução livre de: power, whether it be ‘in’ or ‘behind’ discourse, is never definitively held by anyone person, or social grouping, because power can be won and exercised only in and through social struggles in which it may also be lost. (Fairclough, 1989, p.43).

cursiva, pois ela permite destacar a importância de considerar o seu papel na produção, distribuição e consumo dos discursos em uma variedade de contextos sociais e institucionais (Fairclough, 1989; 1992).

Em consonância com o pensamento de Foucault³, podemos credibilizar que, também para Fairclough (1989), o discurso é sublinhado como um espaço em que poder e saber se interrelacionam, pois o ator social que emite o discurso ou pratica determinadas ações, os fazem de determinado lugar ideológico, partindo de um direito enunciativo (discurso permitido) que é reconhecido social ou institucionalmente (Brandão, 2004; Foucault, 2010).

Considerando a diversidade de teorias e métodos existentes, neste artigo, adotamos o modelo dialético-relacional como base teórica para guiar as categorias propostas na investigação das estratégias de poder e(m) relações político-religiosas no governo Bolsonaro. Optamos por este modelo porque Fairclough é amplamente reconhecido por suas pesquisas no campo do jornalismo, especialmente no que tange aspectos de ideologia e hegemonia, foco desse trabalho. Para tanto, essa perspectiva torna-se evidente em seus primeiros estudos com o modelo tridimensional, conforme ilustrado no quadro a seguir:

Quadro 1: Modelo Tridimensional do Discurso



Fonte: Fairclough (1992)

Em consonância com o pensamento de Fairclough (1989), Magalhães, Martins e Resende (2017) compreendem que o texto é apresentado como um produto da relação entre linguagem e sociedade, pois resulta da estruturação da sociedade por meio da linguagem e tem o potencial de transformar essa estruturação. Da mesma forma, os eventos sociais são tanto resultado quanto base das estruturas sociais.

Na prática discursiva do modelo tridimensional, destacamos as relações sociais envolvidas nos processos de produção, distribuição e consumo desses discursos, que se manifestam em diversos gêneros textuais, desde conversas informais até modelos intersemióticos mais complexos. Assim, elementos como contexto social, período histórico e localização geográfica, relações de poder e dominação, influência social dos participantes, raça, gênero, etnia e estilo de produção discursiva contribuem para um processo analítico mais abrangente, conforme observa Fairclough (1992).

³ Em "A arqueologia do saber", Foucault (2009) defende que o discurso não apenas reflete, mas também constitui ativamente a realidade ao influenciar objetos de conhecimento, sujeitos e estruturas conceituais, transcendendo a simples reflexão das estruturas sociais ou representação do mundo material.

A concepção de prática social, que é a que mais nos interessa neste trabalho, é vista de forma mais ampla, considerando que as outras duas são expressões situadas dentro das práticas sociais. Assim, a prática social é mais abrangente e repleta de conexões diversas, que incluem relações sociais de interação por meio da linguagem, atividades materiais, sistemas de crenças e o contexto social. Tudo isso estabelece, de maneira intersubjetiva, uma relação dialética na construção do mundo social.

O modelo prevê, portanto, uma análise textual, uma análise da prática discursiva (examinando a produção, a distribuição e o consumo dos discursos) e uma análise da prática social. No caso de nosso artigo, contudo, optamos pela prática social ancorados no próprio Fairclough (2001, p. 90-91). Em suas palavras:

Ao usar o termo ‘discurso’, proponho considerar o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. Isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. [...] Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como efeito da primeira. [...] O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.

A citação destaca o conceito de prática social ao enfatizar que o discurso deve ser entendido como mais do que apenas uma atividade individual ou um reflexo de circunstâncias específicas. Isso implica que o discurso é uma forma de ação pela qual as pessoas interagem com o mundo e com os outros, além de ser uma forma de representação. Essa visão revela uma relação dinâmica entre o discurso e a estrutura social, indicando que a prática social influencia e é influenciada pela estrutura social. Assim, o discurso não apenas reflete o mundo, mas também o constitui, atribuindo significado e construindo a realidade social em que vivemos.

Essa questão nos permite uma alusão a Wodak (2004, p. 225) quando afirma que a ADC “almeja investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada, e assim por diante, através do uso da linguagem (ou no discurso)”. Segunda ela, o discurso engloba tanto aspectos ideológicos quanto de poder, indo além da linguagem. A ideologia possibilita a manutenção ou criação de relações desiguais de poder. Ao desvendar as ideologias subjacentes aos discursos, é viável compreender suas intenções, as quais nem sempre são explícitas. Dessa forma, muitas vezes, a análise crítica do discurso recai sobre aqueles detentores do poder, pois são eles frequentemente responsáveis por perpetuar desigualdades ou possuem os recursos para efetivar mudanças substanciais na situação.

É com base nesse dispositivo teórico que na próxima seção iremos apresentar os aspectos metodológicos da pesquisa, haja vista nosso objetivo em analisar as relações político-religiosas que estiveram nas bases posicional e discursiva do ex-presidente Jair Bolsonaro, tendo em vista a prática social marcadas pelas categorias de ideologia e hegemonia.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para analisar as relações político-religiosas no governo de Jair Bolsonaro sob as lentes da ADC, adotamos uma abordagem qualitativa, pois permitiu-nos desvelar as ideologias e hegemonias presentes nos discursos políticos e religiosos, identificando as práticas sociais que sustentam essas relações.

Os dados foram capturados a partir de fontes primárias e secundárias, abrangendo discursos, postagens em redes sociais, e reportagens de mídia sobre o governo Bolsonaro. Para chegarmos ao nosso *corpus*, pesquisamos nos portais de notícias e nas redes sociais de Jair Bolsonaro, Silas Malafaia e Marcos Feliciano, tendo em vista que estes pastores foram os maiores defensores do projeto político proposto por Bolsonaro e que incansavelmente o defendiam em seus púlpitos e em suas redes sociais por meio de postagens entre os anos de 2018 e 2020, período em que Jair Bolsonaro esteve na Presidência da República.

De acordo com nosso propósito de examinar, por meio da ADC, as relações político-religiosas que fundamentaram as posições e os discursos do ex-presidente mencionado, considerando as práticas sociais permeadas pelos conceitos de ideologia e hegemonia, procuramos dados que abordassem as agendas ultraconservadoras alinhadas com as demandas neopentecostais, como as temáticas ligadas à moralidade e à legislação referente ao aborto.

A esse respeito, organizamos o *corpus* descrito no quadro a seguir:

Quadro 2: Organização do *corpus* analisado

LOCAL	DETALHAMENTO	LINK
Twitter / X	2 declarações de Silas Malafaia, Pastor e líder da Igreja Evangélica Assembleia de Deus	https://x.com/PastorMalafaia
Portal “O Antagonista”	Fala do Pastor Marcos Feliciano, líder religioso evangélico conservador e deputado Federal pelo Partido Liberal (PL)	https://oantagonista.com.br/brasil/feliciano-tambem-declara-apoio-bolsonaro/
Blog “Poder 360”	Declaração de Jair Bolsonaro sobre a questão do aborto	https://www.poder360.com.br/poder-eleicoes/eleicoes/bolsonaro-diz-que-indicara-ministros-contrabotorto-ao-stf/
Portal de notícias “UOL”	Declaração de Jair Bolsonaro sobre a questão da mudança da Lei do aborto	https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/14/lula-aciona-tse-contrabolsonaro-fake-news-sobre-aborto-na-tv.htm
Portal de notícias “Gazeta do Povo”	Declaração de Jair Bolsonaro sobre ser cristão e incansável defensor antiaborto	https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/bolsonaro-se-congresso-aprovar-projeto-sobre-aborto-eu-veto-8nweagw1nj2obl6sdcunosrx9/

Fonte: elaborado pelos autores

Com o intuito de realizar uma análise abrangente e representativa, o *corpus* foi escolhido seguindo critérios específicos: 1) relevância: documentos que focalizem explicitamente a interação entre política e religião na gestão de Bolsonaro; 2) período temporal: documentos gerados ao longo do mandato do ex-presidente (2019-2022); 3) variedade de fontes: documentos provenientes de diversas formas de mídia e discursos, visando capturar uma gama ampla de pontos de vista.

A partir dessa perspectiva, aplicamos a abordagem sociocultural, conforme proposto por Fairclough (1989) em seu modelo tridimensional, com o objetivo de explorar as ideologias e as relações hegemônicas presentes nos discursos analisados. Os resultados foram minuciosamente descritos, acompanhados de exemplos elucidativos dos discursos examinados e suas repercussões para a compreensão das práticas socioculturais ideológicas e hegemônicas no referido governo. A discussão destaca as ramificações dessas práticas na sociedade brasileira e oferece sugestões para investigações futuras. Nesse contexto, a análise da prática social do ex-presidente em relação a sua ideologia e sua busca pela consolidação de uma hegemonia será exposta a seguir.

5 A PRÁTICA SOCIAL IDEOLÓGICA E HEGEMÔNICA NAS RELAÇÕES POLÍTICO-RELIGIOSAS DO EX-PRESIDENTE JAIR BOLSONARO

Durante o seu mandato como presidente do Brasil entre 2019 e 2022, várias foram as relações político-religiosas e estratégias de poder articuladas por Jair Bolsonaro, o qual professou e enalteceu pautas conservadoras e religiosas que orientavam tanto suas convicções pessoais quanto a agenda de parte de seus apoiadores, especialmente entre grupos evangélicos conservadores (Almeida, 2019). Esse tipo de atitude é compreendido por Fairclough (2010, p.230), quando pontua que

governos com divergentes abordagens ideológicas e das mais variadas orientações políticas agora assumem como um simples fato da vida (embora um “fato” produzido em parte por acordos intergovernamentais) que todos devam se curvar à lógica emergente de uma economia do conhecimento globalizada.

De igual modo, o líder da Assembleia de Deus, pastor Silas Malafaia, além de seus púlpitos, usava de suas redes sociais, como o Twitter, para defender o projeto político de Jair Bolsonaro, conforme destacamos na imagem seguinte:

Imagem 1 – *Printscreen* do Twitter de Silas Malafaia



Fonte: Twitter

Essas postagens feitas no Twitter pelo pastor Silas Malafaia revelam um viés ideológico de extrema direita, caracterizado por uma retórica agressiva e polarizadora. A expressão “jornalistas esquerdopatas” sugere uma desqualificação negativa dos profissionais de imprensa que se identificam com a

esquerda política, rotulando-os de forma pejorativa e sugestionando que suas opiniões não apenas são parciais e inadequadas, como também adoecidas. A origem do sufixo “pata” na palavra “esquerdopata”, à primeira vista, estaria relacionada à língua grega, mas podemos ir além e vermos aqui uma formação híbrida decorrente da junção da palavra “esquerdista” com o termo pejorativo “pata”, derivado do inglês “loony”, que significa “louco” ou “insensato”.

Assim, o uso do termo “esquerdopata” como uma estratégia retórica pela extrema direita para desqualificar seus oponentes politicamente à esquerda pode ser considerado como uma tentativa de deslegitimar suas ideias e posicionamentos de forma simplista e agressiva, muitas vezes recorrendo a ataques pessoais em detrimento de argumentos sólidos e embasados em evidências. Essa estratégia pode ser vista como um recurso de desinformação e polarização do debate político, podendo prejudicar o diálogo e a busca por soluções colaborativas e equilibradas para os desafios enfrentados pela sociedade. Portanto, é importante reconhecer e questionar tais estratégias, buscando promover um debate construtivo e respeitoso, fundamentado em argumentos e no respeito às diferentes perspectivas e opiniões. Essa terminologia, portanto, denota uma estratégia de deslegitimação do pensamento adversário e cria um ambiente hostil contra aqueles que possuem visões políticas divergentes.

O uso constante de termos como “lixo moral” e a associação direta desses termos aos opositores políticos de Bolsonaro pelo pastor Silas Malafaia indica uma tentativa de estabelecer uma dicotomia entre valores considerados tradicionais e morais, geralmente associados à direita conservadora, e comportamentos considerados imorais ou antiéticos, atribuídos à esquerda política. Essa estratégia retórica visa não apenas deslegitimar os adversários políticos, mas também criar uma narrativa moral sobre as próprias convicções, reforçando a ideia de que apenas um grupo específico detém a verdade e representa os interesses da sociedade.

Ao interferir de forma tão contundente na esfera pública, um pastor evangélico de expressão nacional como Silas Malafaia exerce uma influência negativa sobre seus seguidores e sobre uma parte da opinião pública. Ao rotular jornalistas e opositores políticos de forma pejorativa e descontextualizada e ao promover uma visão maniqueísta da política e da sociedade, ele contribui para o aumento da polarização e da intolerância, fragilizando o debate democrático e impedindo a construção de consensos e diálogos construtivos.

Portanto, a utilização dos termos nessas postagens e a disseminação dessa retórica polarizadora e desqualificadora por parte de figuras públicas com grande alcance e influência como Silas Malafaia podem ter sérias consequências na coesão social e na manutenção da democracia, ao minar a confiança nas instituições, nos meios de comunicação e no debate plural de ideias, favorecendo a disseminação do ódio e da desinformação. Nessa empreitada espelhada pelo neoliberalismo, “trata-se de projeto político para reestruturar e reescalonar as relações sociais de acordo com as exigências de um capitalismo global sem restrições (Fairclough, 2010, p.230).

Dentro desse contexto, é relevante destacar alguns dos principais apoiadores de Bolsonaro no cenário político. Entre esses apoiadores, como vimos acima, destaca-se o Pastor Silas Malafaia, líder evangélico

da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, reconhecido por sua presença ativa na política e por sua influência entre os evangélicos conservadores. A aliança com Malafaia representou uma estratégia crucial de Bolsonaro para consolidar seu apoio junto às massas, especialmente devido à influência hegemônica que o pastor exerce sobre a segunda maior igreja evangélica do Brasil, a Assembleia de Deus, e seu alcance midiático junto aos evangélicos neopentecostais e ultraconservadores.

Através desse lugar ideológico e discursivo, Bolsonaro enfatiza, conforme destacado no corpus, manifestações de seu apoio à chamada “família tradicional”, compreendida como a família formada por um homem, uma mulher e seus filhos. Desse modo, tornou-se legítimo, discursivamente, entre os evangélicos adeptos desse núcleo eclesial, opor-se a mudanças nas definições legais de família, ao passo em que influenciou grande parte da população brasileira a reverenciar políticas que promovessem a “valorização da família” como base da sociedade.

Outro expoente muito significativo que declarou apoio a Bolsonaro foi o Pastor Marco Feliciano: pastor da Assembleia de Deus Catedral do Avivamento e ex-deputado federal pelo Partido Social Cristão (PSC). Feliciano foi um dos primeiros parlamentares evangélicos a declarar apoio a Bolsonaro em sua candidatura presidencial, por meio do qual o ex-presidente reuniu forças para legitimar, discursivamente, críticas e um combate ideológico ao que chamam de “ideologia de gênero”, uma visão que questiona as normas de gênero tradicionais e busca promover a igualdade de gênero e a diversidade sexual. Ele se opôs a políticas educacionais que abordassem questões de gênero nas escolas e prometeu combater o que considerava ser uma “ideologia de esquerda”, como evidencia o texto, abaixo, que trazemos do portal “O Antagonista”

“Bolsonaro fala nossa língua. É o único que fala em resgate de valores morais. Antes do Estado, vem a nação. Antes da nação, vem a sociedade. E antes da sociedade, vem a família. Bolsonaro conversa com a família.” [Marcos Feliciano em O Antagonista, em 2018]⁴

A frase do pastor Marcos Feliciano revela uma perspectiva ideológica alinhada com os valores conservadores e nacionalistas, destacando o apoio a Jair Bolsonaro por ser percebido como alguém que compartilha dessas mesmas ideias. Quando menciona que Bolsonaro “fala nossa língua”, refere-se à suposta capacidade do presidente de se comunicar de forma direta e simplificada com um público que valoriza tradições, autoridade e moralidade.

O termo “resgate de valores morais” sugere a intenção de voltar a valores tradicionais, como a família, a nação e a sociedade, em contraste com supostas ameaças às tradições e instituições conservadoras. Os valores tidos como necessitados de resgate, frequentemente associados a pautas conservadoras, incluem a defesa da família tradicional, a moralidade cristã, a hierarquia social e a identidade nacional. No entanto, essa retórica pode ser problemática, pois a definição desses “valores morais” pode ser usada de forma seletiva para justificar discursos e ações contraditórios, excluindo grupos sociais

⁴ Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/feliciano-tambem-declara-apoio-bolsonaro/> Acesso em: 21.07.2024

marginalizados e reforçando visões excludentes e autoritárias. Ao enfatizar a prioridade da família sobre os demais níveis sociais, há o risco de desconsiderar a diversidade de arranjos familiares e a importância de garantir direitos iguais a todos os cidadãos, independentemente de sua estrutura familiar.

Essa fala, ao exaltar a figura de Bolsonaro como a única voz capaz de resgatar supostos esses valores, contribuíram para a polarização política e para o fortalecimento de posturas autoritárias que minaram a pluralidade democrática. Ao enfatizar a necessidade de um líder forte e carismático que se sobrepõe às instituições e à diversidade de opiniões, essa retórica pode representar um perigo para a democracia, favorecendo o avanço de discursos extremistas e a fragilização das instituições democráticas e dos direitos fundamentais⁵.

Fairclough (2001) defende sobre a ideologia, afirmando que ela se constrói e se materializa nas práticas discursivas, uma vez que é concebida como categoria da prática social, momento em que o linguista defendeu que a “natureza da prática social da qual a prática discursiva é uma parte, constituindo a base para explicar por que a prática discursiva é como é, e os seus efeitos sobre a prática social” (Fairclough, 2001, p. 289). É nessas vias argumentativas que, segundo Resende e Ramalho (2006), as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) edificadas em esferas discursivas que influenciam na produção, reprodução e circularidade legitimada das relações de dominação.

Na fala a seguir, podemos antecipar que Bolsonaro, habilmente, utiliza o tema do aborto como uma estratégia político-religiosa. Ao associar-se a discursos conservadores e religiosos contrários a esse tema, ele poderá buscar apoio em uma base eleitoral que valoriza fortemente princípios morais tradicionais. Essa estratégia não apenas polariza o debate público, mas também reforça sua imagem como defensor de valores familiares, alinhando-se com setores da sociedade que compartilham dessa visão. Vejamos a seguir um trecho de sua fala, dita durante um comício em Divinópolis, no Estado de Minas Gerais, conforme noticiou o Portal UOL⁶.

“Não vamos discutir aborto no Brasil. E não se esqueçam que, quem se eleger presidente esse ano, indica 2 ministros para ocupar o Supremo Tribunal Federal ano quem vem. Em sendo reeleito, esses 2 que vão para lá jamais serão favoráveis ao aborto também” [Jair Bolsonaro em Poder360]

A fala de Jair Bolsonaro apresenta uma clara posição ideológica contrária ao aborto, destacando a influência que a escolha de ministros para o Supremo Tribunal Federal pode ter sobre a legislação relacionada ao tema. Ao mencionar a nomeação de ministros para o STF e sua suposta postura antia-

5 Foi justamente o que aconteceu, por exemplo, com a educação, cujo “inventário da devastação” é muito bem apresentado por Roberto Leher (2023) e seus colaboradores na obra Educação no governo Bolsonaro.

6 Disponível em: <https://www.poder360.com.br/poder-eleicoes/eleicoes/bolsonaro-diz-que-indicara-ministros-contraborto-ao-stf/> Acesso em: 21.07.2024.

borto, o presidente parece utilizar essa questão como parte de um discurso ideológico mais amplo que se conecta com valores conservadores, muitas vezes associados com vertentes religiosas. A associação entre o tema do aborto e a religião é comum em políticos de extrema direita que buscam atrair votos para sua eleição, pois a questão do aborto é frequentemente utilizada como um símbolo moral e religioso para mobilizar eleitores conservadores e religiosos, reforçando valores tradicionais e fortalecendo sua base de apoio ideológico.

Essa associação ocorre porque a posição antiaborto é frequentemente sustentada por argumentos morais baseados em princípios religiosos, que ressoam com o eleitorado mais tradicional e conservador. Portanto, ao vincular fortemente sua postura sobre o aborto com valores religiosos, os políticos de extrema direita podem conquistar o apoio de uma parcela significativa da população que se identifica com essas crenças, garantindo assim uma base sólida de eleitores no processo eleitoral. Nesse contexto, a defesa da vida desde a concepção é frequentemente articulada sob preceitos religiosos, que consideram o aborto como um ato imoral ou até mesmo pecaminoso.

A nomeação de ministros para o STF, que é a mais alta corte do país e responsável por interpretar a Constituição, é crucial para a definição de temas controversos, como o aborto. Bolsonaro enfatiza que a escolha desses membros pode impactar diretamente questões ideológicas sensíveis, como a legislação em torno do aborto. Essa estratégia de vincular a temática do aborto com a escolha de ministros do STF pode ser vista como parte de um discurso mais amplo de extrema direita. Isso ocorre, muitas vezes, em contextos em que aspectos conservadores são enfatizados, apelando para uma base de eleitores que compartilha desses valores e que se opõe a mudanças na legislação que possam contrariá-los. Portanto, a fala de Bolsonaro evidencia uma abordagem ideológica que apela não só a valores conservadores e religiosos, mas também à influência estratégica que a nomeação de ministros para o STF pode ter na manutenção de determinadas pautas, como a proibição do aborto, alinhando-se com discursos de extrema direita que buscam perpetuar uma visão tradicional e conservadora da sociedade.

Além de vários pronunciamentos em que Bolsonaro se posicionou contrariamente à legalização do aborto, também manifestou apoio à prática de educação domiciliar, na qual os pais optam por educar seus filhos em casa, fora do ambiente escolar tradicional. No sentido em que se apresentou como um defensor dos valores cristãos e da liberdade religiosa, especialmente em relação ao cristianismo evangélico neopentecostal e ultraconservador.

Por fim, ao afirmar que “não vamos discutir aborto no Brasil”, o ex-presidente nega o direito constitucional já garantido pelo decreto nº 2.848 de 07 de dezembro de 1940, alinhando seu discurso aos ideais ultraconservadores do grupo neopentecostal afirmando sua postura autoritária e hegemônica. Entende-se, portanto que a hegemonia é caracterizada por uma contínua disputa em áreas de maior instabilidade entre classes e grupos, visando construir, manter ou romper alianças e relações de dominação e subordinação, manifestando-se em formas econômicas, políticas e ideológicas (Fairclough, 1989). Como veremos no próximo exemplo, ao atacar Lula e afirmar que ele é favorável ao aborto no Brasil, Bolsonaro busca explorar a polarização ideológica em torno do tema, utilizando-o como estratégia para desgastar a imagem do seu oponente e reforçar sua própria narrativa conservadora.

*“Mas Lula quer mudar a lei e incentivar a mãe a matar o próprio filho no seu próprio ventre. Lula quer mudar a lei para incentivar o aborto” [Jair Bolsonaro em Uol]*⁷

No segundo excerto, ao dizer que “Lula quer mudar a Lei”, o ex-presidente mostra a ideologia ultraconservadora que desconhecer ou tenta mostrar desconhecimento acerca do decreto de 1940 que garante, dentro dos limites estabelecidos e em situações excepcionais a interrupção da gravidez. Esse caso nos lembra o que Resende e Ramalho asseguram sobre a ideologia. Segundo elas, “a concepção crítica postula que a ideologia é, por natureza, hegemônica, no sentido de que ela necessariamente serve para estabelecer e sustentar relações de dominação e, por isso, serve para reproduzir a ordem social que favorece indivíduos e grupos dominantes”. (Resende; Ramalho, 2016, p. 49).

Na sequência, trazemos um exemplo pelo qual Bolsonaro se alinha como um defensor dos valores cristãos, reforçando a sua postura antiaborto e sua narrativa conservadora, buscando construir uma imagem de político comprometido com princípios religiosos e morais. Segundo suas palavras,

*“Eu sou cristão, acredito em Deus, e no que depender de mim, nenhuma iniciativa favorável ao aborto será apresentada no Parlamento. Se o Parlamento resolver por maioria aprovar um projeto deles, eu veto e, se o Parlamento derrubar o veto, nós vamos respeitar a lei na questão do aborto” [Jair Bolsonaro em Gazeta do Povo]*⁸

As declarações de Bolsonaro revelam uma postura prepotente e autoritária ao abordar a questão do aborto, desconsiderando a separação entre Estado e Religião estabelecida pelo princípio do Estado laico. Ao se afirmar como cristão e expressar sua crença em Deus, ele sugere que suas convicções religiosas devem prevalecer sobre as decisões legislativas e a vontade popular. Suas palavras evidenciam uma tentativa de impor suas ideologias pessoais sobre as liberdades individuais e direitos garantidos pela Constituição, demonstrando uma visão antidemocrática que desconsidera a diversidade de crenças e opiniões presentes em uma sociedade plural. A ênfase em veto e na imposição de suas convicções, mesmo em face da institucionalidade democrática, revela uma postura autocrática e intolerante, que coloca em risco os princípios democráticos e o Estado de Direito.

Em linha com os princípios delineados por Fairclough (2001) acerca das três dimensões na construção da ideologia, torna-se evidente que o discurso de Jair Bolsonaro pode ser inequivocamente caracterizado como ideológico.

7 Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/14/lula-aciona-tse-contrabolsonaro-fake-news-sobre-aborto-na-tv.htm>. Acesso em 21.07.2024

8 Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/bolsonaro-se-congresso-aprovar-projeto-sobre-aborto-eu-veto-8nwea-gw1nj2obl6sdcunosrx9/>. Acesso em 21.07.2024.

Primeiramente, observamos a manifestação de uma realidade material nas práticas institucionais, conforme proposto por Fairclough (2001), quando o presidente declara sua crença em Deus, sugerindo, assim, uma prática ideológica que inerentemente vincula-se às instituições normativas, desconsiderando outras crenças ou a ausência delas, em detrimento dos princípios democráticos e laicos preconizados pela Constituição de 1988.

Em segundo lugar, ao enunciar essa ideologia, Bolsonaro interpela os indivíduos que compartilham de sua visão a se unirem a ele nesse intento, instrumentalizando uma agenda conservadora como eixo central de seu projeto político-administrativo.

Por fim, ao tratar das questões de locais e marcos delimitadores na luta de classes conforme a abordagem de Fairclough (2001), o discurso do ex-presidente, ao ameaçar vetar um projeto legislativo se este fosse aprovado pelo parlamento em oposição às suas convicções, evidencia um conflito social que tem polarizado o Brasil nos últimos anos, entre agendas tidas como de extrema direita e de esquerda.

Torna-se, desse modo, perceptível, um esquema discursivo que almeja à hegemonia político-religiosa no Brasil, escalonando, sucessivamente, à dominação cultural em apoio às classes dominantes e tentando colonizar as classes subalternas. Em concordância com Fairclough (2010, p. 232), entendemos que “o reescalamento das ordens de discurso diz respeito às mudanças na constituição de redes de elementos discursivos de práticas sociais em níveis diferentes das organizações: globais, regionais, nacionais e locais”.

Nessa ordem *não ordenada* de discursos proferidos por Bolsonaro, bem como suas articulações políticas como estratégias para manutenção de seu poderio, conclama-se a base do autoritarismo no empenho em enaltecer, de forma superlativa, a promoção dos valores cristãos e a instituição da religião cristã como regime de verdade, em detrimento de crenças religiosas minorizadas.

Aqui estão algumas das principais pautas defendidas e professadas por Bolsonaro durante esse período:

Quadro 2 - Síntese das pautas defendidas e professadas por Bolsonaro entre 2019 e 2022

Pautas defendidas e professadas por Bolsonaro entre 2019 e 2022	
Defesa da Família Tradicional	Bolsonaro frequentemente expressou seu apoio à chamada “família tradicional”, compreendida como a família formada por um homem, uma mulher e seus filhos. Ele se opôs a mudanças nas definições legais de família e defendeu políticas que promovessem a “valorização da família” como base da sociedade.
Combate à Ideologia de Gênero	Bolsonaro e seus aliados frequentemente criticaram o que chamam de “ideologia de gênero”, uma visão que questiona as normas de gênero tradicionais e busca promover a igualdade de gênero e a diversidade sexual. Ele se opôs a políticas educacionais que abordassem questões de gênero nas escolas e prometeu combater o que considerava ser uma “ideologia de esquerda”.
Restrições e posicionamentos contra a legalização do Aborto	Bolsonaro é conhecido por sua posição contrária ao aborto em praticamente qualquer circunstância, exceto em casos de estupro ou risco de vida para a mãe. Durante seu governo, ele defendeu políticas para restringir ainda mais o acesso ao aborto e para fortalecer a proteção do direito à vida desde a concepção.
Educação Domiciliar (Homeschooling)	Bolsonaro manifestou apoio à prática de educação domiciliar, na qual os pais optam por educar seus filhos em casa, fora do ambiente escolar tradicional. Ele defendeu a regulamentação dessa prática como uma opção para os pais que desejam ter mais controle sobre a educação de seus filhos e protegê-los de influências consideradas indesejáveis.

Promoção dos Valores Cristãos	Bolsonaro frequentemente se apresentou como um defensor dos valores cristãos e da liberdade religiosa, especialmente em relação ao cristianismo evangélico. Ele fez alianças políticas com líderes e grupos religiosos evangélicos e defendeu políticas que refletissem os valores e crenças desses grupos.
Instituição da religião Cristã como regime de verdade	O ex-presidente da república do Brasil (2019-2022), em vários de seus discursos, tentou instituir a religião cristã como um regime de verdade.

Fonte: elaborado pelos autores

Conforme ilustrado no quadro acima, ao longo de seu mandato, Bolsonaro recebeu apoio político significativo de diversos líderes e figuras proeminentes da comunidade evangélica, a fim de conferir legitimidade às verdades proferidas nos púlpitos e amplificadas publicamente pela mídia, num esforço de solidificar um determinado horizonte ideológico (Fairclough, 2010). Além de empregar estratégias para validar seus discursos em um país onde mais de 60% da população se identifica como cristã, Bolsonaro e seus principais aliados se apoiaram fortemente na concentração de poder econômico.

Em última análise, é pertinente observar que a adoção dessas práticas discursivas e ações por parte de Bolsonaro constituíram-se, durante sua gestão, em estratégias destinadas a legitimar seu governo como detentor de hegemonia, inconteste e autoritária. Consciente de que a religião representava o principal instrumento de alcance da vasta audiência cristã no Brasil, o ex-presidente optou por se apropriar desse espaço ideológico, o qual potencialmente lhe conferiria popularidade entre pessoas influenciadas pela ignorância e pela conformidade cultural, autorizando-as a adotar uma postura de vida inspirada em princípios bíblicos veterotestamentário.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa atinge seu propósito ao analisar as dinâmicas político-religiosas no governo de Jair Bolsonaro por meio da lente da ADC, uma abordagem qualitativa que revela as ideologias e hegemonias entrelaçadas nos discursos políticos e religiosos, destacando as práticas socioculturais subjacentes a essas relações. A ADC emerge como um valioso instrumento teórico-metodológico que viabiliza uma compreensão aprofundada das intrincadas conexões entre linguagem, poder e sociedade, evidenciando como tais conexões são articuladas e desafiadas por meio do discurso.

Para este estudo em particular, foram exploradas duas categorias fundamentais derivadas do pensamento de Fairclough: Ideologia e Hegemonia, elementos que integram a tessitura discursiva da prática social no modelo tridimensional proposto por esse autor. Os resultados analíticos desvelados neste estudo indicam a presença de ligações fundamentadas em raízes evangélicas neopentecostais e estratégias de poder autoritário no *modus operandi* governamental do ex-presidente Jair Bolsonaro no Brasil.

Ao longo das análises realizadas, emergem os contornos de uma tentativa por parte de Bolsonaro de exercer uma dominação cultural e ideológica com nuances político-religiosas, buscando legitimar seus discursos para consolidar seu poder. No que diz respeito às alianças estabelecidas com líderes evangélicos neopentecostais, evidenciam-se rituais ideológicos através de manifestações de poder que buscam naturalizar discursos autoritários, misóginos e carregados de intolerância religiosa.

É importante ressaltar que a análise realizada neste estudo não esgota a complexidade da intersecção entre discurso político e religioso no contexto do governo de Bolsonaro. Futuros estudos podem aprofundar a compreensão do papel do discurso religioso como uma estratégia empregada dentro do discurso político, explorando mais profundamente como as crenças, valores e práticas religiosas influenciam e sustentam as narrativas políticas.

Além disso, outros elementos do modelo tridimensional de Fairclough, como a dimensão do texto e da prática discursiva podem ser acionados como ferramentas analíticas para investigar a interdiscursividade que marca o discurso político. Nesse sentido, pesquisas subsequentes podem ampliar a análise, fornecendo uma compreensão mais aprofundada das complexidades e sutilezas das interações entre discursos políticos e religiosos no contexto em questão.

REFERÊNCIAS

Almeida, R. de (2019). Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos estudos CEBRAP**, v. 38, p. 185-213.

Arruda, R. B. L.; Arruda, M. R. da S. R.; Araújo, A. D (2017). A construção de sentidos em memes na perspectiva da prática social e da multimodalidade discursiva. **PERcursos Linguísticos**, v. 7, n. 16, p. 155-171.

Batista Jr, J. R. L.; Sato, D. T. B.; Melo, I. F. Introdução. In: Batista Jr, J. R. L.; Sato, D. T. B.; Melo, I. F. (orgs.) (2018). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, p. 8-17.

Carta Capital (2022, 29 de setembro). **'Ideologia de gênero': como o clã Bolsonaro usa internet para atacar LGBTI+**. Acessado em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/ideologia-de-genero-como-o-cla-bolsonaro-usa-internet-para-atacar-lgbti/>

Castilho, D. R.; Lemos, E. L. de S (2021). **R. Katál**, Florianópolis, v.24, n. 2, p. 269-279.

Cirne, A. O.; Efken, K. H (2023). Norman Fairclough para além da perspectiva do modelo tridimensional. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 24, n. 2, p. 30-43.

Correio Brasiliense (2022, 14 de julho). **Em evento, Bolsonaro restringe família a "um homem, uma mulher e filhos"**. Acessado em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/politica/2022/07/5022260-em-evento-bolsonaro-restringe-familias-a-um-homem-uma-mulher-e-filhos.html>

Fairclough, N (1989). **Language and power**. New York: Longman.

Fairclough, N (1997). Discurso, mudança e hegemonia. In: Pedro, E. R. (Org.). **Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sócio-política e funcional**. Lisboa: Editorial Caminho, p. 77-104.

Fairclough, N (2001[1992]). **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Fairclough, N (2010). A dialética do discurso. **Revista Teias**, v. 11, n. 22, p. 225-234.

Fiorin, J. L (2019). Operações enunciativas do discurso da extrema-direita. **Discurso & Sociedade**, n. 3, p. 370-382.

Foucault, M (2009). **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Foucault, M. (2010). **A ordem do discurso**. 20ª ed. São Paulo, SP: Edições Loyola.

G1 Globo (2022, 8 de março). Bolsonaro reúne evangélicos, ministros e deputados em ato político no Palácio da Alvorada. Acessado em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/03/08/bolsonaro-reune-evangelicos-ministros-e-deputados-em-ato-politico-no-palacio-da-alvorada.ghtml>

- Gazeta do Povo (2019, 24 de dezembro). **Do discurso à prática**: o que o governo Bolsonaro fez em defesa da família. Acessado em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/o-que-bolsonaro-fez-na-defesa-da-familia-2019/>
- Gramsci, A (1975). **Quaderni del carcere**. Edizione critica dell'Istituto Gramsci. Turim: Einaudi. Organizado por Valentino Gerratana.
- Le Monde Diplomatique (2020, 26 de março). **Jair Bolsonaro**: massa, vírus e poder. Acessado em: <https://diplomatique.org.br/jair-bolsonaro-massa-virus-e-poder/>
- Leher, R (2023). **Educação no governo Bolsonaro**: inventário da devastação. São Paulo: Expressão Popular.
- Magalhaes, I (2005). Introdução: a análise de discurso crítica. **DELTA [online]**. vol.21, pp.1-9. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502005000300002>. p. 3. Acesso em: 28 abr. 2024.
- Magalhães, I.; Martins, A. R.; Resende, V. M (2017). **Análise de discurso crítica**: um método de pesquisa qualitativa. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Medviédev, P (2016 [1928]). A ciência das ideologias e suas tarefas imediatas. In: Medviédev, Pável. **O método formal nos estudos literários**: introdução a uma poética sociológica. Tradutoras: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, p.41-56.
- Mendes, Á.; Carnut, L.; Melo, M (2023). Continuum de desmontes da saúde pública na crise do covid-19: o neofascismo de Bolsonaro. **Saúde Soc**. São Paulo, v.32, n.1, p. 1-13.
- Orlandi, E. P (2012). Espaços linguísticos e seus desafios: convergências e divergências. **Rua**, v. 18, n. 2, p. 6-18.
- Peixoto, M. E. G.; Ferreira, R (2018). Texto e ideologia: a análise de discurso textualmente orientada. **Fórum Linguístico**. v. 15, n. 1, p. 2875-2890. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2018v15n1p2875/36251> Acesso: 18.05.2024.
- Py, F (2021). **Pandemia Cristofascista**. São Paulo: Recriar.
- Resende, V. de M.; Ramalho, V. (2004). Análise de discurso crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 5, n. 1, p. 185-208.
- Resende, V. de M.; Ramalho, V. (2005). Análise de discurso crítica: uma reflexão acerca dos desdobramentos recentes da teoria social do discurso. **ALED/Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso**, v. 5, n. 1, p. 27-50.
- Saraiva, L. M.; Santana, W. K. F. de (2022). Traços neocoloniais no discurso sobre uma “religião brasileira”: opressão e tentativas de dominação religiosa. In: Oliveira G. (Org). **Decolonialidade – Pontos e contrapontos na educação linguística crítica**. Campinas, São Paulo. Pontes Editores.
- Stecher, A (2010). El análisis crítico del discurso como herramienta de investigación psicosocial del mundo del trabajo. Discusiones desde América Latina. **Universitas psychologica**, v. 9, n. 1, p. 93-107.
- The Guardian (2023, 15 de janeiro). **The violent attack on government buildings in Brasília following Lula's inauguration should set off alarm bells outside the country too**. Acessado em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/jan/15/the-guardian-view-on-brazil-and-the-bolsonaristas-its-not-over-yet>
- The New York Times (2021, 10 de agosto). **Talvez Bolsonaro Não Consiga Nos Destruir**. Acessado em: <https://www.nytimes.com/pt/2021/08/10/opinion/brazil-bolsonaro-vacinas.html>
- Veja (2020, 19 de junho). **A retórica de Bolsonaro**: o que revelam os discursos na pandemia. Acessado em: <https://veja.abril.com.br/politica/a-retorica-de-bolsonaro-o-que-revelam-os-discursos-na-pandemia/>
- Vieira Filho, M. J (2022). “Mimimi”, “histeria”, “gripezinha”: imaginários sociodiscursivos da banalização da pandemia no Brasil em discursos presidenciais. **Mester**, v. 51, p. 157-179.
- Zavala, V (2019). Justicia sociolingüística para los tiempos de hoy. **Íkala, revista de lenguaje y cultura**, v. 24, n. 2, p. 343-359.

